

Edição em formato de
suplemento integrado no âmbito
das comemorações do centenário
da Gazeta das Caldas

Com o Alto Patrocínio
de Sua Exceléncia



O Presidente da República

CRÓNICAS DO CENTENÁRIO

JOSE

TANGANHO

100
Gazeta das Caldas

Ilustração João Belga



José Tangano com o famoso "Favorito" em 4 de Novembro de 1925, no Campo do Jockey Clube, em Lisboa, momentos depois de ter sido proclamado vencedor do "Grande Circuito Hípico de Portugal", de 1.458 quilómetros, que percorreu em 25 dias.

Há Cem Anos, no mês em que nasce a Gazeta das Caldas, em setenta vilas e cidades o povo saiu à rua para saudar um dos seus, um homem simples que ousou desafiar e vencer a elite da cavalaria militar. Era caldense e chamava-se José Tangano.

Todos os jornais da época se renderam à coragem e à simplicidade deste herói improvável, que emerge em tempos conturbados, brilha nas páginas dos jornais nacionais, conhece as luzes do reconhecimento e o ruído dos aplausos, e apaga-se na memória coletiva, porque não há feito que resista ao silêncio e ao esquecimento que o tempo sempre traz consigo, condenando toda a glória à efemeridade. É tempo de o recordar.

Coordenação Editorial
Carlos Querido e Miguel Macedo
Texto | Carlos Querido
Design | Miguel Macedo
Apóio | Caixa Crédito Agrícola de
Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche
Suplemento da Gazeta das Caldas
de 24 de Julho de 2025



1.

TANGANHO UM HOMEM E O SEU TEMPO

COINCIDÊNCIA DE CENTENÁRIOS

Na cronologia dos “acontecimentos” na Vila das Caldas referente a 1925, Bonifácio Serra refere a fundação da Gazeta das Caldas e a vitória de José Tangano na “Volta a Portugal a Cavalo”.

Acrescentamos um outro: o nascimento do padre José da Felicidade Alves.

A vitória do caldense José Bernardo “Tanganho” tem sido devidamente assinalada entre nós pela generosa dedicação de Mário Lino com várias iniciativas que culminam no livro “José Tangano na Volta a Portugal”, e pelo jornalista Carlos Cipriano em dois artigos publicados, respetivamente, neste jornal e no jornal Público.

No âmbito da celebração do seu centenário, a Gazeta das Caldas não poderia deixar de prestar a sua homenagem a esse herói popular que irrompe na agitada época da sua fundação, com uma grandeza que transcende a sua (nossa) terra e que ainda hoje ecoa nos jornais nacionais da época.

A evocação do centenário da vitória de José Tangano terá lugar nas páginas deste jornal; numa exposição de que será curador Pedro Bernardo, bisneto do homenageado, num espaço central da cidade - Centro Cultural e de Congressos - com fotografias, objetos e documentos pessoais; e na reedição do Circuito que o consagrou.

A par destas iniciativas, será feita a divulgação desta figura maior da nossa cidade, tão esquecida, nomeadamente com a visita às “setenta vilas e cidades” percorridas por José Tangano na corrida centenária.

José Tangano em Castelo Branco a 19 de Outubro de 1925.
Arq. Biblioteca Municipal C.R.



Partitura musical “Cavalgando”
Edição A. Moraes, 1926
Arq. Biblioteca Municipal C.R.

Um dos primeiros números da Gazeta das Caldas em Novembro de 1925.
Arquivo Gazeta das Caldas



2. O CIRCUITO HÍPIDICO

Com o apoio do Ministério da Guerra, o Diário de Notícias organiza em 1925 o “Círculo Hípico de Portugal”, também designado “Volta a Portugal a cavalo”, definindo o trajeto da Volta, no artigo 1.º do respetivo regulamento, como «um percurso dividido em etapas e com um itinerário aproximado dos limites continentais do país».

Inspirado no Tour de França, o percurso contém uma vertente patriótica de epopeia, assumida pelo jornal organizador em textos galvanizadores, ilustrada na capa da edição de 10 de outubro com uma imagem em diagonal, a toda a altura da página, encimada pelo cavaleiro da fundação, a quem coube a conquista e a definição da fronteira, seguindo-se os cavaleiros da manutenção desse limites territoriais, terminando num cavaleiro militar do circuito hípico.

O circuito foi desenhado para os militares, proclamando o DN, em parangonas, na edição de 2 de outubro: «*A apatriótica iniciativa do Diário de Notícias foi acolhida com entusiasmo pela gloriosa cavalaria portuguesa*».

O mesmo jornal, na edição de 10 Outubro, enfatiza a vertente patriótica do circuito, filiando-o nas conquistas que definiram e mantiveram a soberania nacional:

«*Ao som da marcha da guerra vibrada pelos clarins, como outrora ao clangor estridente das charavelas partiam para guerreiras empresas os esforçados paladinos da honra nacional, vai desfilar nas ruas da cidade a luzidia cavalgada com o mesmo garbo marcial (...)*

Na referência aos concorrentes, valoriza-se a condição militar:

«...cavaleiros portugueses, oficiais do exército educados na escola do heroísmo, afeitos a suportarem com estoicismo o rigor das intempéries, destros em todos os exercícios físicos...».

Ainda no mesmo jornal, na edição de 12 de outubro, glorifica a tradição e a “raça”:

«Em todas as terras do percurso os cavaleiros são recebidos festivamente e ansiosamente aguardados. O povo sabe vêr neles os continuadores das tradições que não morrem e que pelos séculos fóra têm afirmado as características de uma Raça. Por isto se comove e alegra, indo ao encontro daquela hoste pacífica de valentes, que vai pelo país mostrar o que pode a vontade firme, aliada ao desejo de vencer dificuldades.».

Inscritos 43 concorrentes, todos militares, com exceção de três “paisanos”, compareceram apenas 39, para percorrer um circuito que abrangia ao longo das fronteiras 70 vilas e cidades do país, numa extensão de 1458 quilómetros em 25 dias. A inevitabilidade da vitória anunciada dos militares começa a desmoronar-se num dia em que um caldense que vivia do aluguer dos serviços de uma “tipóia” tomava café no Parque da Vila, na “barraca do Levy”. É ele, José Bernardo Tangano, quem conta ao Século Ilustrado (edição de 18 de julho de 1964), como começou a sua aventura:

«Estava eu um dia nas Caldas da Rainha com o tenente coronel José Mouzinho (...) genro do Vítor Fróis (...) Estábamos a tomar café na barraca de um

judeu (...), quando vimos passar a cavalo o capitão Silva Dias. "Vejo-o todos os dias - disse eu - o que é que ele anda a fazer?" "Anda a treinar o cavalo para o raid" - explicou-me o José Mouzinho. "Qual raid?" "A volta a Portugal a cavalo". Cá por mim, resolvi logo: "também vou entrar nisso"».

À referida publicação José Tanganho dá conta dos preparativos para o circuito, referindo que tentou inicialmente treinar uma égua "duma tipóia de aluguer com que me governava", acabando por desistir, quando

começaram a olhar uns para os outros e um deles perguntou: "mas para onde é que estes maduros vão". Parece que ainda estou avê-lo [...]."

Refere a estratégia utilizada para suprir a ausência dos conhecimentos técnicos dos adversários:

«Deixei-me ir atrás de todos; e fui estudando a coisa (...). Também estudava o terreno. E como não sabia ler os mapas deles, dos militares, fiz um mapa cá à minha maneira. Tínhamos de fazer 8 a 10 quilómetros à hora. Eles marcavam 10 e eu a 8, sempre a estudar aquilo...».

Fala de pequenas ciladas:

«Em Beja, começaram a entreter-me com champahe, para um certo concorrente, comandante do Regimento de Cavalaria 5, de Évora, poder partir à minha frente, aproveitando a distração e a alegria que o champanhe dá... Mas um lavrador avisou-me e eu lá fui atrás do tal oficial, a marcar o máximo. Acabei por o apanhar. Mas tive uma travalheira, que nem queira saber!».

Conta histórias de lealdade:

«Depois, quando estávamos a chegar a Évora, um colega desse oficial, aliás meu amigo, pediu-me que o deixasse entrar na cidade em primeiro lugar, "para o regimento ver". E garantia-me: "é que o meu cavalo entra mas já não sai". De facto, desistiu. Enfim, a coisa lá ia andando...».

E relata uma indigestão de alheiras em Bragança que quase deitava tudo a perder:

«Há um dia e uma noite que estava sem comer, de modo que me desforrei nas alheiras», o que lhe causou uma indigestão. Procurou um médico que se recusou a prescrever qualquer medicamento com uma curiosa desculpa: «podias ficar ainda pior, e como o meu irmão também anda na corrida, podiam começar a inventar coisas». «Acabei por ir ... a um veterinário! Deu-me um frasco de óleo de castor. E pronto. Fiquei logo bom.».

Nos jornais da época, muito se escreveu sobre a extrema penosidade do Circuito.

José Tanganho resume-a nestes termos, em declarações ao Jornal O Século de 4 de novembro de 1925: «Foi uma coisa tremenda! Nunca mais será possível repetir uma prova destas! Isto é bom para matar homens e cavalos».

Na imprensa da época há ecos da morte de dez cavalos, dos 39 concorrentes, alguns abatidos pelos cavaleiros para lhes aliviar o sofrimento.

Sobre a extrema dureza do percurso, diz-se na reportagem do DN de 4.11.1925 que os concorrentes passaram «Por caminhos que em muitos pontos só existiam na imaginação, através de precipícios, por estradas convertidas em barrancos quasi intransitáveis, em muitos sítios sem guias (...). Era quasi uma loucura, que só a definiu bem aquele modesto pastor na serra de Monchique: Eles passaram por aqui por ser de noite, porque sse fosse de dia, ao verem estes abismos, não se atreveriam a fazê-lo». Reportagem posterior do tenente de cavalaria Carlos Alexandre de Moraes, no Diário de Lisboa, ilustra desta forma a dificuldade da prova:

Mapa do Circuito Hipico de Portugal com registos do desempenho da prova de José Tanganho.
Desenho de Domingos Tavares Cruz, 1925
Arq. Biblioteca Municipal C.R.



constatou que "ela tinha uma assentadura", vindo a escolher um cavalo dum lavrador do Cartaxo, "que andava também engatado a uma charrette", treinando-o na Foz do Arelho a puxar uma "bateira", de tal forma que «o cavalo arranjou uma caixa de ar que não havia quem o aguentasse». Chamava-se Favorito.

Na mesma edição do Século Ilustrado, o cavaleiro caldense fala do ceremonial da partida e do olhar de descrédito das autoridades da República que passaram revista à formatura dos cavaleiros - o chefe do governo Domingos Pereira; o ministro da guerra, general Vieira da Rocha; o general Roçadas; e outras autoridades civis e militares:

«[...] só havia três civis; eu e mais dois. Estábamos os três à parte, na formatura e, quando passaram revista e nos viram, aqueles generais todos



Dia 10 de Out. / Depois da partida em Lisboa o conjunto de concorrentes faz a travessia do rio Tejo



Dia 12 de Out. / Germano Domingos no seu cavalo "Raku", José Tangano e outro concorrente na sua passagem por Santiago do Cacém



Dia 13 de Out. / Germano Domingos, concorrente nº 42 e José Tangano, concorrente nº 41 a apear-se do seu cavalo chegando a Faro

José Tan... outros, n... etapas d...

«Para a travessia da Serra de Monchique arranjou-se um guia (...) que só acompanhou os concorrentes José Tangano e Germano Domingos que foram os primeiros a atravessá-la. Todos os outros tiveram de seguir pela escuridão da noite, através de caminhos de cabras, orientados apenas por informações muito vagas. A caravana seguia em fila india, e para que o contacto se não perdesse entre os seus elementos, cada um deles marchava agarrado à cauda do cavalo que o antecedia, exceção feita àquele que, por pouca sorte, tinha à sua frente um cavalo de cauda cortada.».

A mesma dureza do circuito transparece nas primeiras declarações que o capitão Rogério Tavares presta à chegada a Lisboa, de acordo com a reportagem do jornal O Século (4.11.1925), quando «os muitos camaradas procuraram abraçá-lo», grita-lhes: «Deixem-me! ... estou a cair de canseira! ... Não como há 48 horas! ... Deixem-me!».

Refere-se na mesma reportagem, que «só nove concorrentes chegaram a Viana do Castelo, e, desses, apenas quatro com possibilidade de concluir o Circuito».

Só três concorrentes chegarão a Lisboa.

O “Favorito” prossegue a sua marcha, deixando para trás cavalos bem treinados pelos concorrentes militares, protegido pelo cavaleiro caldense, que percorre parte do circuito a pé, como diz mais tarde na

entrevista que concede ao Século Ilustrado (18.07.1964): «Rompi três pares de botas em dezoito dias. Andava dez metros a cavalo e vinte a pé, para o animal se aguentar.»

O jornal “O Democrata” – “Semanário Republicano de Aveiro”, de 7.11.1925, dá-nos conta da chegada àquela cidade, de apenas seis dos cavaleiros concorrentes, «não seguindo o último por cansaço absoluto da montada».

Em declarações ao Jornal O Século, de 4.11.1925 (reportagem transcrita na íntegra no jornal a A Bola de 4 e 7 de novembro de 1967), José Tangano resume a corrida nestes termos:

«Parti de Lisboa com a marcha de 100 quilómetros por dia. O ‘Favorito’ portou-se sempre admiravelmente, como um cronómetro. Cheguei a Viana do Castelo com ele em bom estado e em primeiro lugar (...). De Viana a Lisboa tomei esta resolução: ganhar no início um bom avanço que me permitisse fazer o resto do percurso à vontade. (...) Como eu sou civil, os cavaleiros militares, naturalmente, procuravam ‘afastar-me’ para eu

‘estoirar’. Não me convinha, por isso, virertos deles. Deste modo, parti de Viana para fazer uma tirada de 160 quilómetros até Aveiro. Nesta cidade descansei duas horas e ‘peguei’ outros 160 até Condeixa. Nesta altura trazia já um bom avanço, cinco ou seis horas. Resolvi, por isso, vir mais devagar (...).

Seguiu-se a passagem em Leiria, Alcobaça, Caldas, Rio Maior, e o ‘Favorito’ sempre fino (...). Cheguei ao Cartaxo (...) e o ‘Favorito’ entrou em casa (...). A proximidade da sua cocheira reanimou-o. (...) Resolvi parar apenas mais meia hora no Cartaxo. ‘Encostei-me’ um bocadito e disse para me acor-

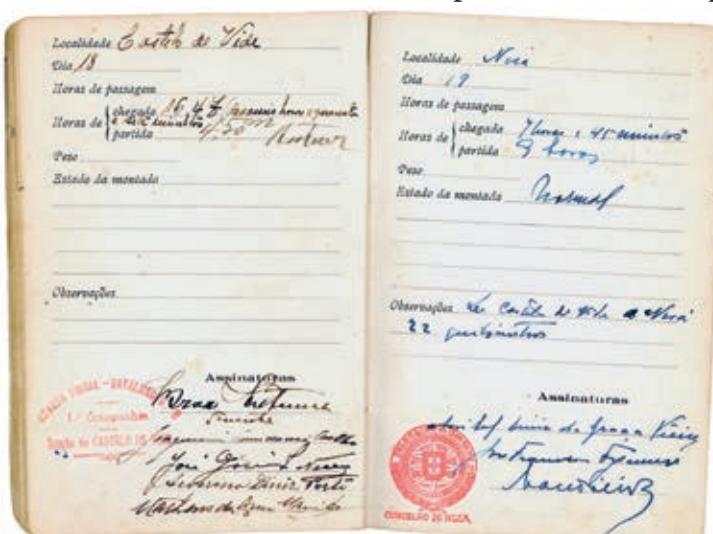


darem meia hora depois (...). Chamaram-me uma hora depois do que eu tinha dito, e isso me perdeu em grande parte.».

Na citada entrevista ao Século Ilustrado (de 18.07.1964), José Tangano refere um momento de embaraço:

«Mas o pior foi em Vila Franca de Xira. O meu cavalo, o ‘Favorito’ começou a fraquejar, e houve quem me desse uma garrafa de vinho do Porto para o animal beber e arribar (...).

O cavalo bebeu e, passados alguns metros, estava com uma grande bebedeira. E para ali vim eu, com o cavalo a curti-la....».



Caderneta da prova:
Passagem por Castelo de Vide
e Nisa no 18 e 19 de Outubro.
Colecção particular



ganho e Rogério Tavares, entre um pic-nic a meio de uma das o percurso.



“José Tangano recuperando o seu cavalo e o “Emir” do capitão Rogério Tavares. Embora a época fizesse gerar rivalidades entre civis e militares, o auxílio mútuo entre o capitão e José Tangano, como de resto, entre outros concorrentes, demonstrou que a solidariedade entre cavaleiros é indestrutível.”
(inscrição no verso da fotografia original)

Ilustração João Belga

3. A EMERGÊNCIA DE UM HERÓI DO PVO

Nesta fase do percurso, o capitão Rogério Tavares joga a vida do seu cavalo, como conta ao jornal O Século (4.11.1927): «*Foi esta, para mim, a parte mais interessante do circuito. Jurei a mim mesmo alcançar o ‘Favorito’ ou estoirar.*»

Após uma marcha triunfal por 70 vilas e cidades do país, saudado por multidões em delírio, quase sempre com enorme avanço sobre os concorrentes, já bem próximo da meta, o ‘Favorito’ está exausto, e o cavaleiro protege-o, como sempre fez. Disso nos dá conta a reportagem do jornal O Século, edição de 4 de novembro de 1925. O jornalista recebe a informação de que o Tangano teria sido ultrapassado pelo capitão Rogério Tavares, com surpresa, porque anteriores informações referiam um avanço de uma hora de José Tangano sobre o capitão.

Resolve, por isso, ir ao encontro do “Favorito”, que se arrasta pesadamente “de olhos semicerrados” e questiona o cavaleiro que “modestamente sorri”.

«Porque vem a pé – perguntámos. Olha com ternura o seu pobre Favorito e diz-nos:
Não desejo sacrificar mais este pobre camarada. Posso fazer o percurso a pé, e ele vem mais cansado do que eu».

José Tangano chega em segundo lugar ao Campo Grande, ultrapassado pelo capitão Rogério Tavares na etapa final. O cavalo ‘Emir’, montado do capitão, não teve a sorte do seu rival ‘Favorito’.

Apesar da manifesta exaustão, o seu cavaleiro prossegue, rumo à glória que a todo o custo se propõe alcançar. Rogério Tavares tem consciência de que forçou o seu cavalo a ultrapassar o limite da resistência, e no momento da chegada, de acordo com a reportagem do Diário de Notícias, repete desalentado: «Meu rico cavalo! Meu rico cavalo! Meu rico cavalo!».

O ‘Emir’ morre de fadiga, o cavaleiro é desclassificado e José Tangano proclamado justo vencedor.

Na época, a República vive em constante sobressalto, entre conspirações e tentativas de golpes militares.

Entre 1918 (ano do assassinato de Sidónio Pais) e 1926, são proclamados cinco chefes de estado e 29 chefes de governo.

No ano da realização do Circuito Hípico registam-se duas tentativas de golpe militar: a 18 de abril, liderada por oficiais generais no ativo (Raul Esteves, Freire de Andrade, Pedro José da Cunha e Jaime Batista); a 19 de julho, levada a cabo por oficiais da Armada, em que se destacou o capitão-de-fraga José Mendes Cabeçadas.

É o advento da golpe militar de 28 de maio de 1926, liderado pelo general Gomes da Costa em Braga leva à queda da I República e estabelece uma ditadura militar.

Na instabilidade política reinante, o povo identifica-se com um cavaleiro de modestas origens que ousa desafiar e vencer os representantes da cavalaria militar.

No Diário de Notícias de 4.11.1925, relata-se a chegada triunfal de José Tangano (apesar do provisório 2.º lugar):

«Era José Tangano, o ídolo popular, que chegava, apeado, com a montada pela rédea, cercado desde logo por uma multidão entusiasta, que o aclamava sem interrupção e o erguia nos braços».

Na edição de O Século, do mesmo dia, regista-se um acontecimento que diz muito sobre a tensão que se vivia:

«Pouco antes de chegarmos ao Pote de Água, o cortejo que acompanha José Tangano eleva-se a mais de duas mil pessoas que não se cansam de aclamar o ‘vencedor moral’ (...). Por momentos, as declarações atingem o delírio. E registam-se episódios curiosos: (...) A seguir, dois bombeiros rompem o cordão (de populares) empunhando uma garrafa de vinho do Porto e um cálice para reanimar Tangano.

A multidão, porém, vocifera e brada: Não beba, não beba! E os mais estúpidos e fanáticos berram: Querem envenená-lo!... e quando o cavaleiro vai a chegar com o copo aos lábios há um murro que faz voar o copo.

Um dos bombeiros, para serenar a multidão, leva a garrafa à boca, bebe um gole (...) e por fim entrega-a a José Tangano.».

O assombroso fenómeno de popularidade de José Tangano ecoa por todas as publicações do final do ano de 1925, sucessivamente revisitado pela imprensa nos anos seguintes, constituindo tema de vários ensaios académicos.



José Tangano e seus adversários na passagem pela zona Alentejana



Dia 19 de Out. / Crianças na sua escola observam José Tangano e o seu cavalo Favorito na passagem por Belmonte



Rogério Tavares, Brandão de Brito e José Tangano no percurso à passagem pela serra do Marão

Cristiano Lima, no 2.º volume do livro “O Diário de Notícias - Da sua fundação às suas bodas de diamante (pág. 418, e 419)”, fala-nos do “tanganhismo” que invadiu o país:

«Quem poderia ficar indiferente ao grande entusiasmo que ele provocou?
Não se falava noutra coisa ... parecia que nada mais existia, que nada mais se passava nessa ocasião ... Discutiam-se, furiosamente, por tôda a pane, pessoas em que ninguém um mês antes ouvira falar. Pessoas e cavalos. Um chamado Tangano, ignorando de tôda a gente, tornou-se um ídolo da multidão. Ela queria, exigia que êle ganhasse. Quando chegou a Lisboa, em segundo lugar, que decepção! ... que desespêro! ... que clamores indignados! ... E acabou por ganhar. O meu abstracto amigo, que vive, idealmente na Lua, foi sacudido (...) e arrastado por um entusiasmo de que mais tarde se admirou. Confessou-me até, com certo pudor irónico, que sem dar por isso, se tornou, dum dia para o outro, “tanganhista impenitente – e intolerante!»

Publicam-se crónicas nos jornais da época, onde se extraem conotações políticas da vitória de um “paisano” sobre os militares.

Na revista Renovação, n.º 10 (15.11.1925 - p. 155, 156), Mário Domingues, jornalista e escritor com vastíssima obra, invoca a figura de Zé Povinho:

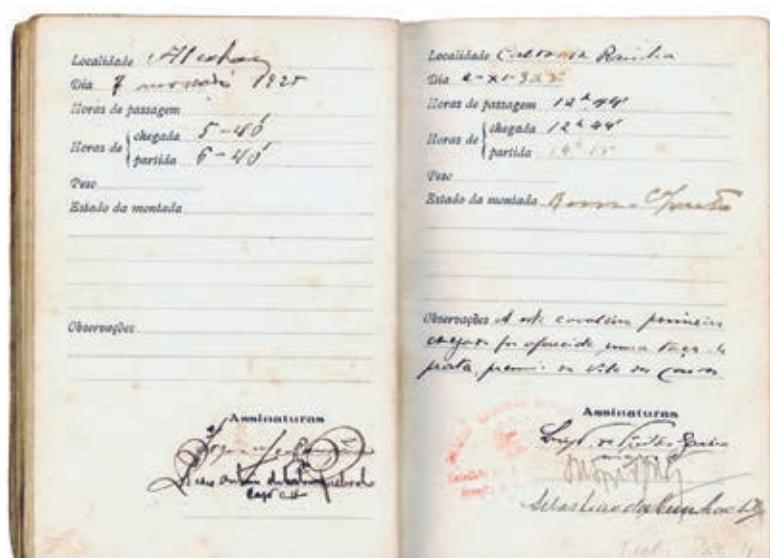
«... por pouco me interessarem as corridas de cavalos, só comecei a reparar e a seguir com atenção as fases do circuito hípico de Portugal quando notei que êle, sem poder furtar-se ao ambiente da nossa época, revestia uma das formas mais curiosas e extravagantes da luta de classes que tão acesa vai por êsse mundo. Sim, meu bom amigo. No circuito hípico de Portugal

lutaram os civis contra os militares.

O povo, o Zé Povinho que possui um instinto muito mais sô do que tu, pobre snob requintado pelos salões, sentiu que nessa luta entre o José Tangano e o Rogério Tavares alguma cousa do seu próprio destino se jogava também. E desejou a vitória do José Tangano, que era um civil, que era do povo. [...]

Ele se quizesse também poderia ter chegado primeiro a Lisboa; bastaria que, à semelhança do capitão

Caderneta da prova:
Passagem por Alcobaça e Caldas
da Rainha a 2 de Novembro de 1925.
Consta a inscrição: “A este cavaleiro
primeiro chegado foi oferecida uma taça
de prata, prémio da Vila das Caldas.”
Colecção particular



¹
Golpe dos Generais - movimento insurreccional é considerado como o primeiro ensaio do golpe de 28 de Maio de 1926.

²
Revolta liderada pelo capitão-de-fraga Mendes Cabeçadas.

Rogério, a tivesse forçado a correr à sobreposse. Mas não, meu amigo, preferiu vir a pé de Sacavém até Lisboa. Chegou à meta depois do outro?

Que lhe importava? Mas não obrigou o cavalo a fazer o que em suas fôrças não cabia. Ele próprio o declarou: «Não tinha o direito de matar o cavalo». Esta atitude forma um flagrante contraste com a do militar. Este martirizou o animal, permitiu que pelo caminho o picassem; pela dor, pela barbaridade, pela tortura obrigou o pobre quadrúpede muribundo a palmilhar léguas.

Tanto assim, que mal terminaram os tratos inquisitoriais a que o submeteram, o animal tombou para não mais se levantar. A barbaridade, o desprêzo pela dôr alheia, a dureza do coração fazem parte da psicologia do militar profissional.

O sentimentalismo que é o forte do paisano, que é a honra do que não veste farda, é para os militarões uma fraqueza e uma vergonha. O ideal do paisano é a bondade, o do militar é a severidade. Nós queremos ser humanos, êles, os da tropa, querem ser feras.

[...]

Ele (Tanganho) era o povo em luta contra o espírito brutal e conservador do militar que, mesmo numa simples corrida bárbara, pretendia mostrar a sua pretendida superioridade. O militarismo, não tenhas a menor dúvida, deixou-se vencer mais uma vez. Quis dominar o povo em 18 de Abril¹ – e foi vencido. Desejou desfarrar-se em 19 de Julho² - sofreu maior derrota. Espumando de raiva já se contentava com o efêmero triunfo de uma simples corrida de cavalos - e foi batido....».

No Diário de Lisboa, edição de 5.11.1925, Norberto Araújo, estabelece um paralelismo entre as qualidades do ‘cavaleiro plebeu’ e da aristocracia política:

«Este bom Tangano, cigano e Pimpão, leal e valoroso, com seu ar humilde a sair-se muito bem da apoteose triunfal, meão de estatura, olhar esperto, um fundo de generosidade numa superfície de orgulho, contido pelas circunstâncias; este bom Tangano é nosso conhecido. E mesmo nosso velho amigo. Já meu pai o conhecia; conhecia-o o meu avô, e se algumas pessoas o não conhecem é que não estão lembradas. Tangano é nosso amigo há oito séculos.

[...]

Entre Tangano e Afonso Costa, o povo não hesitaria: Tangano, Porquê? Porque este vestiu-se de aventura, de virilidade, de sacrifício humilde, correu o país, entusiasmou as povoações, chamou a atenção de milhões, e não milhares, de portugueses para a sua corrida; foi leal, foi nobre, foi valente – e existe. Afonso Costa está em Paris.



Dia 28 de Out. / Entusiasmo da multidão na passagem da prova por Viana do Castelo

100 ANOS DE VITÓRIAS

Se alguém supõe que estas considerações são mero palavreado, corre o risco de se enganar.».

Brito Camacho, um dos mais destacados e relevantes protagonistas da década inicial da Primeira República, líder do partido União Republicana, deputado e Ministro do Fomento do Governo Provisório de 1910, escreve na revista Ilustração, de 1 de abril de 1929, um texto de encomios superlativos, que teria assombrado o cavaleiro caldense, caso dele tivesse tido conhecimento.

Reza assim:

«Os que levianamente acreditam estarem muito diminuídas as energias da raça, aquelas épicas energias que nos tornaram vencedores de Aljubarrota, e nos encheram de glória no oriente asiático, os desalentados que em tal acreditam, nunca repararam na estranha vibração da alma nacional quando os brios da gente lusa estão postos em causa, num prélio de grandeza antiga.

As horas torturadas, mas ao mesmo tempo, sublimes, que Portugal viveu quando o sr. José Tangano, como um herói de Homero, paisano até então ignorado, entrou numa luta de resistência e de velocidade, como cavaleiro, com os mais destros e bem treinados oficiais do nosso Exército, montando excelentes cavalos!

Quando constou, em Lisboa, que o sr. Tangano, ele e o seu cavalo, entrara vencedor no Campo Grande, como César entrara vencedor em Roma e Napoleão em Austerlitz, a alma nacional vibrou de satisfação e de orgulho, como em nenhum outro momento da nossa História, como certamente não vibrara quando Mouzinho prendera o Gungunhana, depois de Coolela e de Chaimite.».

O conflito entre militares e civis no Circuito Hípico, amplamente referido na imprensa, não teve correspondência nas relações entre os concorrentes.

Bem pelo contrário.

Os grandes rivais Tangano e Rogério Tavares manifestaram sempre uma relação de lealdade e de respeito recíproco ao longo de toda a prova.

Sobre José Tangano, diz o Rogério Tavares ao jornal O Século (4.11.1925): «É um excelente cavaleiro, duma rara bravura e de uma grande lealdade. Estimo-o e admiro-o sinceramente», remetendo ao vencedor, sem sinais de ressentimento, um telegrama, publicado no DN de 7 de novembro 1925, com a seguinte mensagem: «... sinceras homenagens ao bravo, valente e lealíssimo adversário sportivo».

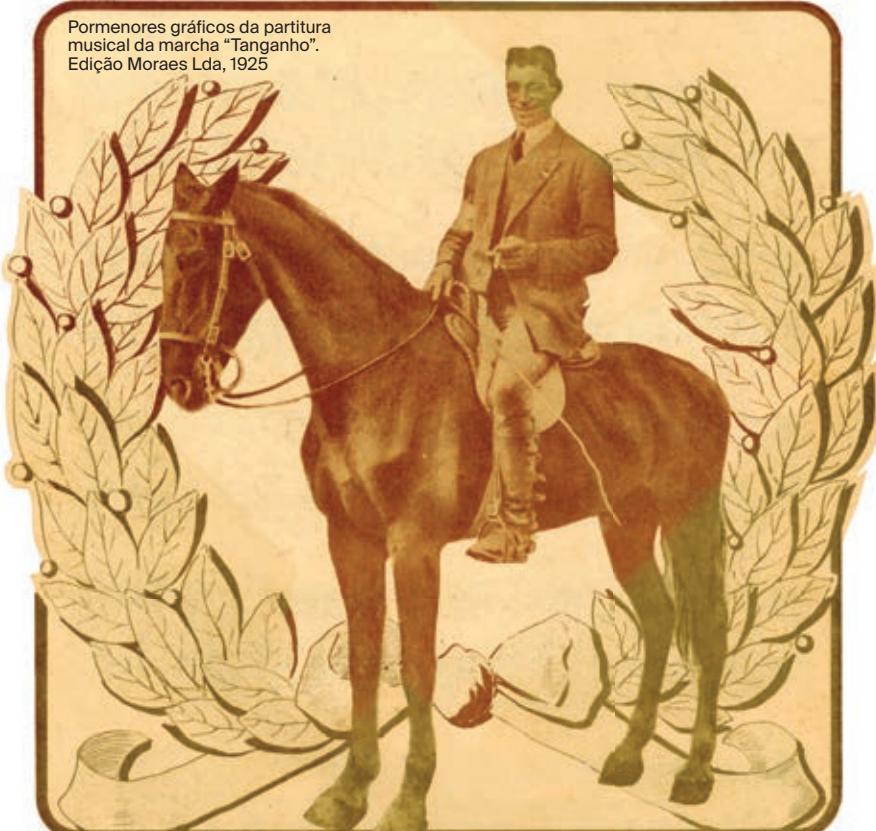
Sobre o seu rival, em declarações ao jornal O Século (4.11.1920): «José Tangano fala-nos com muita simpatia dos seus camaradas do circuito. Tem palavras de elogio para a lealdade e a correção com que foi tratado pelos oficiais do Exército. Só conserva de todos eles a mais grata recordação...».

Banquete de homenagem a José Tangano e Germano Domingos (sentados à direita), realizado em 1925, no Hotel Rosa, nas Caldas da Rainha. Arq. Biblioteca Municipal C.R.



Se dúvidas restassem, imediatamente se dissipariam com a história que me foi contada por Mário Lino: foi recentemente contactado por um afilhado do capitão Rogério Tavares, que lhe disse que tinha na sua posse a taça ganha por José Tangano, e que fazia questão de a entregar ao Museu do Ciclismo; no contacto estabelecido, explicou que José Tangano tinha oferecido o troféu de vencedor ao seu rival. Um gesto de grandeza e despojamento próprio dos heróis.

Não há povo, região, cidade ou vila sem a memória coletiva que confere um sentimento agregador de pertença e de comunidade.



Comunidade que se preze não pode deixar morrer os seus heróis no esquecimento.

Neste ano de 2025, a par do Centenário da Gazeta das Caldas, os caldense celebram o centenário da vitória de um homem simples que, inscrevendo o seu nome na nossa memória coletiva, projetou por todo o país o nome da vila que o viu nascer.

Na nossa tradição histórica, a heroicidade está profundamente associada à epopeia.

E foi uma verdadeira epopeia a heroica cavalgada de José Bernardo Tangano, que a Gazeta das Caldas celebra no seu centenário.



ESTAMOS CÁ POR UM BEM MAIOR

Não há melhor retorno que o investimento feito nas pessoas e no ambiente. Por isso, aplicamos o nosso dinheiro na proximidade, na interajuda, no desenvolvimento social e na sustentabilidade.

**Acreditamos que não é o dinheiro que faz girar o mundo,
mas sim o bem que se pode fazer com ele.**



#SustentabilidadeCA

Para mais informações:
creditoagricola.pt | [Facebook](#) [Twitter](#) [YouTube](#) [LinkedIn](#)

Caixa Central – Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo,
CRL registada junto do Banco de Portugal sob o nº 9000

Somos o Banco de **CA**

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche, CRL



Crédito Agrícola

O Banco nacional
com pronúncia local

Desde 1911